

Casamentos duradouros: o uso de entrevistas e o TAT na análise psicanalítica da relação conjugal*

*Maria Lúcia de Souza Campos Paiva ***

*Isabel Cristina Gomes ****

Instituto de Psicologia da USP

Resumo

O objetivo deste artigo é tecer reflexões acerca dos casamentos duradouros, através do estudo da dinâmica (consciente e inconsciente) das relações conjugais estabelecidas. Iniciamos com o referencial teórico sócio-histórico acerca das modalidades existentes de casamento, ao longo do tempo, e, posteriormente, propomos uma análise psicanalítica de três casais pesquisados. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-abertas com o casal, em seguida, a aplicação das pranchas 2, 4, 5, 10 e 16 do T.A.T. com cada cônjuge, individualmente. Os resultados demonstraram que a manutenção dos casamentos se relacionava mais à formação de pares complementares e a um modelo tradicional de casamento, em que a ênfase era colocada na criação dos filhos e estruturação da família, em detrimento da própria conjugalidade.

Descritores: casamento, relação conjugal, família, entrevista, teste projetivo.

Long-lasting marriages: using interviews and TAT in the psychoanalytical analysis of the matrimonial relationship

Abstract

This article aims at reflecting on long-lasting marriages by studying the dynamics (conscious and unconscious) of established matrimonial relationships. At first, we use the theoretical socio-historic references on the existing modalities of marriage throughout history, and then we suggest a psychoanalytical analysis of three couples. Data collection was carried out by means of semi-open interviews with the couple, and T.A.T. cards 2, 4, 5, 10 and 16 were used with each spouse separately. Results showed that marriages lasted mainly due to the establishment of complementary pairs and to a traditional model of marriage, in which emphasis is put on raising the children and structuring the family, leaving aside their own conjuality.

Index-terms: marriage, family, projective test, conjugal relation, interview.

* Um resumo deste trabalho foi apresentado no *First International Congress for Psychoanalytical Family Therapy "Family Metamorphoses"*. Paris 14-16 May, 2004.

** Doutoranda no Programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Email: mlupaiva@usp.br

*** Professora Livre-Docente do IPUSP. Orientadora de Mestrado e Doutorado do Programa de Psicologia Clínica IPUSP. E-mail: isagomes@ajato.com.br

Des mariages durables: l'utilisation d'entretiens et du TAT dans l'analyse psychanalytique de la relation conjugale

Résumé

Cet article a pour objectif de proposer des réflexions portant sur des mariages durables à travers la dynamique (consciente et inconsciente) des relations conjugales déjà établies. Nous commençons par le référentiel théorique socio-historique à propos des modalités de mariage existant tout au long de l'histoire ; ensuite, nous proposons une analyse psychanalytique de trois couples étudiés. Les données ont été obtenues par l'intermédiaire d'entretiens semi-ouverts avec le couple. Ensuite, nous avons utilisé les planches 2, 4, 5, 10 et 16 du T.A.T. avec chaque conjoint individuellement. Les résultats ont montré que la préservation des mariages correspondait plutôt à la formation de paires complémentaires et à un modèle traditionnel de mariage où il s'agit plutôt d'élever les enfants et de structurer la famille au détriment de la conjugalité.

Mots clés: mariage ; famille ; test projectif ; relation conjugale ; entretien.

Casamientos duraderos: el uso de entrevistas y el TAT en el análisis psicanalítica de la relación conyugal

Resumen

El objetivo de este artículo es construir reflexiones sobre los matrimonios duraderos, a través del estudio de la dinámica (consciente e inconsciente) de las relaciones conyugales establecidas. Será iniciado con el referencial teórico socio-histórico llevando en consideración las modalidades existentes de matrimonios, a lo largo del tiempo, y, posteriormente, es propuesto un análisis psicanalítica en tres parejas investigadas. La recolección de datos fue realizada por medio de entrevistas semi-abiertas con la pareja escogida, enseguida, la aplicación individual de las tablas 2, 4, 5, 10 16 del T.A.T. con cada cónyuge. Los resultados demostraron que la duración de los matrimonios se relacionan prioritariamente con la formación de pares complementarios y a un modelo tradicional de matrimonio, en que el énfasis era puesta en la crianza de los hijos y la estructuración familiar, inclusive contra la propia relación conyugal.

Descriptor: casamiento, relación conyugal, familia, entrevista, test projectivo.

Introdução

Este artigo é decorrente da pesquisa de mestrado de Paiva (2003), onde foram estudados os casamentos que perduram muitos anos, formados tanto por casais casados que encontraram satisfação na vida matrimonial, como por aqueles que, mesmo insatisfeitos, continuaram mantendo a união conjugal. O objetivo geral deste trabalho é apresentar algumas reflexões acerca dos casais que vivem juntos entre vinte e trinta anos, partindo de um referencial sócio-histórico do casamento e acrescentando o estudo dos tipos de relações, conscientes e inconscientes, pertinentes a esses relacionamentos duradouros.

O termo "casamento" designa, no mundo ocidental, as uniões diádicas entre dois parceiros. Sob nosso enfoque, casamento será considerado uma relação entre um homem e uma mulher que moram e dividem a mesma habitação, na qual o afeto e a sexualidade podem estar presentes. A importância de tal definição vem da amplitude com que tal termo tem sido utilizado, em nossa sociedade, para denominar as diversas formas de união

existentes. Neste artigo, toda vez que se empregar o termo casal/casamento, estará implícita essa definição.

Quando se aborda o tema dos relacionamentos conjugais, percebe-se que a dificuldade de se levar uma vida a dois pode ser equiparada à dificuldade de se viver sozinho. Entretanto, parece que a necessidade humana de buscar um companheiro, apoiada no medo da solidão e do vazio, faz com que o homem busque constantemente um par. Alguns casais se separam, em busca de novos relacionamentos, e vivem num eterno estado de insatisfação em relação à vida conjugal. Os que permanecem casados, muitas vezes, demonstram também a mesma insatisfação com respeito ao casamento.

Dentro dessa perspectiva, é possível pensar que existem casamentos que se sustentam através das fantasias inconscientes de seus membros. Assim sendo, as brigas do casal podem ser entendidas quando um dos cônjuges não aceita que o outro não corresponda a suas fantasias inconscientes. A briga, nesse tipo de casamento, pode ser vista como uma tentativa de fazer com que o outro atenda às

necessidades inconscientes do indivíduo, gerando uma forma de relacionamento que, provavelmente, não promove o crescimento de seus pares, de acordo com o que discutimos em um trabalho anterior (Gomes & Paiva, 2003).

Dimensionando o casamento como um espaço potencializador para o crescimento de cada um de seus membros, é preciso que os cônjuges possam conviver com as tensões que afloram na vida a dois. Essas tensões surgem das oposições que permeiam o casamento; dos diferentes pontos de vista, das tentativas de se adaptar às questões individuais e à necessidade do casal. Para que as tensões possam ser vividas como oposições e não como tentativas de satisfazer as fantasias inconscientes do indivíduo, é preciso que as mesmas sofram um processo de elaboração.

Assim sendo, estudar sobre os casamentos passou a ser fundamental, partindo-se do pressuposto de que o simples fato de os indivíduos estarem casados não significa que a vida em família não tenha suas dificuldades e seus sofrimentos. Pensar sobre o casamento é prevenir problemas de maior ou menor gravidade, que podem afetar seriamente os envolvidos e seus filhos, bem como outras pessoas próximas.

Sabe-se que a relação homem/mulher foi-se modificando, ao longo dos séculos. Novos arranjos matrimoniais foram-se estabelecendo, até se chegar a essa diversidade de relações conjugais encontrada nos dias atuais. Como apontado acima, este estudo se propôs analisar o tipo de relação que se mantém em casamentos entre vinte e trinta anos. Faz-se, então, necessário, para os profissionais que trabalham com casais e famílias, um entendimento mais aprofundado desses casamentos duradouros, suas características e o que está implícito na sua manutenção.

Referencial Teórico-Histórico

Ao longo da história da humanidade, a relação homem/mulher vai-se transformando, de sorte que podemos identificar três modelos principais de relação matrimonial: o tradicional, o moderno e o pós-moderno. Retomando algumas das principais características de cada modelo, é possível constatar que o tradicional tem como temática principal a hierarquia entre homem e mulher, a submissão feminina frente à autoridade masculina fazendo-se presente, além da negação do desejo sexual por parte da esposa.

O casamento moderno surge com a ascensão da burguesia e se apóia na ideologia do amor romântico. A escolha do parceiro é um elemento presente, bem como uma maior ênfase na relação marido/esposa, de acordo com Macfarlane (1990). O companheirismo e a desvin-

culação da sexualidade com a procriação também são ingredientes significativos, nesse modelo moderno de relação conjugal. É importante mencionar que, em tal modelo de casamento, a sexualidade acaba sendo controlada e vigiada pela sociedade, constituindo-se todo um discurso repressor em relação à mesma, como Foucault (1999) tão bem descreve.

O casamento pós-moderno nasce sob a influência dos movimentos sociais democráticos. Esse modelo tem como características uma relação mais próxima e igualitária entre marido e mulher, cujos traços principais são o companheirismo, o equilíbrio de poder e a mutualidade. A possibilidade de crescimento pessoal, por meio da relação conjugal, e a flexibilidade com referência ao outro e ao novo também são elementos importantes, nesse modelo de relação. A sexualidade destaca-se como aspecto essencial, tanto para as mulheres como para os homens, sendo passível de negociação e vivida de forma mais aberta, dentro da relação conjugal, definindo ou não a manutenção do relacionamento.

Giddens (1993) também apresenta parâmetros para se pensar sobre as características desse casamento dito pós-moderno, retomando e enfatizando sua origem nos movimentos sociais democráticos que almejavam relações mais igualitárias, já descritas anteriormente. Acrescenta ainda as noções de compromisso, negociação e revezamento de liderança entre seus membros, havendo um conhecimento e respeito pelas características do outro. Nesse modelo de casamento, existe a opção de ter ou não filhos, mas, quando os dois optam, a educação destes não fica mais a cargo da mulher, sendo antes um processo de construção do casal.

Colman (1994), tendo como base esse modelo de casamento descrito acima, afirma que o mesmo pode tanto promover como restringir o desenvolvimento psíquico dos parceiros. Segundo ele, um casamento pode estar preso às fantasias inconscientes de seus cônjuges ou pode ser um caminho para o desenvolvimento do self, proporcionando a individuação de seus participantes. Nesse sentido, por meio da relação matrimonial, é possível um crescimento individual ou não.

Ainda de acordo com o autor, o crescimento individual dar-se-ia mediante a oposição entre os indivíduos, que é vital para a concretização de uma experiência. Sem a presença de um outro diferente, as indagações pessoais não teriam como se desenvolver. Dentro dessa perspectiva, o self não pode se desenvolver no isolamento, somente por meio da experiência compartilhada com o outro. O casamento seria para um indivíduo não apenas

um veículo ou instrumento para seu desenvolvimento pessoal, mas também um requisito fundamental, no processo de individuação.

Gostaríamos também de destacar uma conceituação desse autor sobre o que ele define como "casamento interno", um espaço de continência que gera a possibilidade de elementos antagônicos coexistirem dentro do self, com a capacidade de desenvolvimento de uma intimidade compartilhada, enfatizando que ser íntimo não implica sentir ou pensar as mesmas coisas que o outro. Enfim, "casamento interno" existe quando ambos os parceiros podem conter e serem contidos nas suas angústias.

Balint (1972) adverte que o casamento se constitui em uma relação difícil, devido ao fato de duas pessoas se unirem voluntariamente para a vida, com esperança de se satisfazerem em diversas áreas, não somente na relação sexual e parental.

...A natureza do relacionamento é inconscientemente combinada entre os parceiros, mas é passível de mudar para melhor ou para pior à medida que o tempo passa. Não há relações conjugais com atmosferas idênticas ou características idênticas, mas, em todos os casamentos existem fatores inconscientes que são importantes para aquele (sic) casal específico... (Balint, 1972, p.99).

De acordo com os autores explicitados até aqui, definimos conjugalidade como um processo a ser construído através da intimidade dos cônjuges e, dentro de uma sociedade pós-moderna, é possível se pensar o casamento como um lugar de crescimento interno para cada cônjuge, através da possibilidade de se viver as diferenças e os conflitos de cada parceiro.

O casamento, na atualidade, deverá ter uma dimensão distanciada do modelo institucional do passado, ou seja, casamento hoje deve estar ligado a uma noção de mutabilidade, transformação, flexibilidade em relação ao novo e diferente, construindo um espaço de desenvolvimento interpessoal e criatividade (Gomes & Paiva, 2003).

Um outro aspecto a ser evidenciado, neste artigo, diz respeito à continuidade, no tempo, dessas relações conjugais, ou seja, o que promove a manutenção de um casamento: a inércia oriunda do conhecido e estabelecido ou a novidade que acompanha uma possível transformação da vida conjugal? Para caracterizar esse processo de transformação de um casal, torna-se relevante destacar a visão de Otto Kernberg:

"... um homem e uma mulher podem conhecer-se desde a infância e constituir um casal na opinião das pessoas que os conhecem; mas podem casar e ainda assim não ser um casal. Ou podem tornar-se um casal, secretamente, mais cedo ou mais tarde: muitos, se não a maioria dos casamentos, são vários casamentos, e alguns deles só se consolidam muito tempo depois de terem deixado de despertar a atenção de seu grupo social... (Kernberg, 1995, p.5 7)".

O autor, em um trabalho posterior (1998), aponta que se apaixonar é o primeiro estágio de uma relação amorosa e que relações amorosas podem aparecer ou perdurar (como é o caso dos sujeitos da pesquisa) na terceira idade, sem o atributo de algo vergonhoso, decadente ou ridículo, como muitas vezes a sociedade o encara. Como ponto fundamental de suas colocações, o autor apregoa que deve existir uma

"libertação, nas relações amorosas tardias, particularmente no que se refere aos desejos eróticos e intimidade, das restrições super-egóicas que podem ter se mantido em operação durante grande parte da vida dos indivíduos e dos casais." (p. 6).

Essa capacidade de estabelecer um relacionamento amoroso e sexual, nessa faixa etária, segundo Kernberg (1998), dá-se a partir daquilo que foi possível ser apreendido da experiência de outros relacionamentos amorosos ou do próprio relacionamento mais duradouro; da aprendizagem através do próprio comportamento, bem como do comportamento do outro.

Ainda de acordo com esse autor, há muitos casais que não conseguem estabelecer esse tipo de relacionamento sexual em faixa etária mais avançada, pois o processo de envelhecimento parece apenas acentuar e agravar os traços patológicos de caráter já existentes anteriormente, uma submissão à convencionalidade rigidamente defendida, desvalorização cínica e amarga da possibilidade de um relacionamento amoroso feliz, refletindo a combinação da inveja inconsciente de casais felizes e o reconhecimento implícito de fracassos sentimentais na própria vida.

Muitos casais enfrentam problemas de doenças entre os próprios cônjuges, ameaçando a autonomia do casal. Essa situação de dependência de um cônjuge em relação ao outro é um aspecto dos relacionamentos, nessa faixa etária, que se transforma em um desafio para o casal. O modo como o par vai vivenciar essa situação dependerá do tipo de relação estabelecida anteriormente entre eles (Kernberg, 1998, p.7).

Procedimentos metodológicos

Ao se propor estudar as relações construídas nos matrimônios que perduram muitos anos, utilizamos o referencial psicanalítico para a análise da vida conjugal, uma vez que levamos em consideração a necessidade de se investigar o inconsciente como um elemento fundamental para o entendimento desse objeto de estudo escolhido.

Assim sendo, adotamos a metodologia da pesquisa clínico-qualitativa, de acordo com Turato (2003), e o uso de entrevistas semi-abertas com os casais, além da aplicação do Teste de Apercepção Temática (TAT), de Henry A. Murray, descritos pormenorizadamente abaixo.

Como participantes da pesquisa, escolhemos três casais casados entre vinte e trinta anos, com filhos. Definimos essa duração de matrimônio por ser um período de relacionamento bastante longo, possibilitando o exame da relação conjugal já enraizada que se manteve entre eles, que foi um dos objetivos principais deste trabalho.

Outro motivo que nos levou a escolher tal período de casamento foi o fato de que, nas famílias com filhos, estes, em sua maioria, ainda moram com seus pais. Acredita-se que, no momento em que os filhos passam a morar em outra residência, se estabelece uma nova dinâmica familiar e, possivelmente, novas relações entre o casal. Esse processo de voltar a ser um casal, dividindo o mesmo espaço, sem a presença direta dos filhos, seria uma variável significativa que mudaria o foco de nossa pesquisa. Assim sendo, os casais que fazem parte desta investigação têm os filhos morando com eles, ainda.

Os casais escolhidos pertenciam à camada média e média alta da população, com, no mínimo, segundo grau completo de escolaridade, já que acreditamos que tal requisito, a escolaridade, influencia na busca por emprego. A falta de condições para conseguir um trabalho, principalmente para as mulheres, poderia ser uma justificativa para a manutenção do casamento. Mesmo fixando a classe social e a escolaridade, a fim de homogeneizar a população, a variável “situação econômica atual da família” foi considerada, na discussão dos resultados.

Além desses critérios mencionados, buscaram-se casais que não estiveram em processo psicoterapêutico, que não tivessem uma demanda por esse tipo de ajuda, seja individual, seja familiar.

Foram realizadas entrevistas semi-abertas com cada casal, de acordo com um roteiro de entrevista adaptado a partir do Guia de Entrevista Conjugal e Familiar, elaborado por Cardoso de Mello (1990) e Térzis (1987); isto é, com o homem e a mulher ao mesmo tempo, com o intuito

de possibilitar, a eles e ao entrevistador, a liberdade de se colocar conforme a entrevista se desenvolvia.

A entrevista com cada casal forneceu dados sobre a sua história de vida, desde o momento em que se conheceram. O uso de um roteiro minucioso permitiu obtermos informações sobre a escolha do parceiro; em que momento resolveram ter filhos; os papéis que cada um assumiu, dentro do casamento; a sexualidade do casal e vários outros aspectos a respeito do modo como eles foram construindo a relação conjugal.

Após a entrevista psicológica, foi feita a aplicação do TAT como um instrumento a mais para a análise de dados. Segundo Silva (1989, p.1),

“dentre as técnicas de que dispõe o psicólogo para investigação da personalidade, sobressaem-se os métodos projetivos como aqueles que possibilitam uma apreensão profunda de conteúdos dos quais nem sempre o sujeito têm consciência”.

A escolha de um teste projetivo não se baseou na premissa de se obter um diagnóstico do indivíduo ou casal, mas, sim, como uma forma auxiliar para a compreensão das fantasias inconscientes em relação ao matrimônio, à dinâmica familiar e à identidade masculina e feminina, já que o TAT visa a ser um instrumento facilitador para se chegar ao inconsciente. Como a entrevista foi realizada com o casal, a presença dos dois cônjuges poderia inibir algum tipo de colocação de um para o outro. Então, o uso do TAT individual teve o objetivo de fornecer uma compreensão mais profunda da dinâmica conjugal.

Nesta pesquisa, empregou-se o TAT com um número menor de pranchas, de acordo com o proposto no trabalho de alguns pesquisadores (Catão, 2001; Dana, 1982; Herzberg, 1986).

Foram selecionadas as pranchas 2, 4, 5 e 10, por evocarem situações de relacionamento conjugal similares ao objetivo da pesquisa. Além disso, essas pranchas são as que podem ser aplicadas para ambos os sexos, isto é, tanto para homens como para mulheres. Foi escolhida também a prancha 16, por ser a prancha em branco, permitindo a projeção de qualquer conteúdo.

As histórias relativas às pranchas de cada cônjuge foram interpretadas separadamente, para, em seguida, serem comparadas e analisadas entre si. Foi feita a interpretação do TAT, conforme Dana (1985) propõe, ou seja, usando-se o raciocínio clínico. Buscou-se, também, verificar se os cônjuges tinham a mesma percepção em relação aos estímulos apresentados pelas pranchas.

O acesso aos casais foi feito por meio de outros casais, que eram conhecidos de pessoas de nossos relacionamentos e que se dispuseram a participar desta investigação, concedendo a entrevista e aceitando a aplicação do teste, de acordo com Termo de Consentimento apresentado a eles.

A aplicação do teste e as entrevistas foram realizadas na casa dos casais contatados. Segundo Simon (1989), a ida do psicólogo ao domicílio familiar pode, por si só, ser um elemento importante para fornecer dados sobre a dinâmica conjugal, possibilitando uma percepção direta do ambiente familiar. Solicitamos aos casais que escolhessem um ambiente fechado, no lar, que permitisse a privacidade entre o entrevistado e o entrevistador e em que se pudesse trabalhar, sem a interrupção dos outros membros da família.

A duração média das entrevistas com os casais foi de três a quatro encontros com cada casal. Após a entrevista, foi feita a aplicação do teste, seguindo-se a metodologia proposta por Dana (1982, 1985), isto é, o marido separado de sua esposa. Para evitar que um cônjuge comentasse com o outro sobre o teste, foi aplicado em um e, imediatamente em seguida, no outro.

Levou-se em conta também a participação da pesquisadora na coleta dos dados, já que o fato de ser uma mulher entrevistando um casal trouxe interferências que serão apresentadas e discutidas, na conclusão.

Resultados

Neste estudo, foram levantadas algumas questões a respeito das relações conjugais que permitem que novos pesquisadores ampliem e aprofundem o estudo desse tema. É importante mencionar que as interpretações e as conclusões a que se chegou foram recortes feitos a partir do referencial teórico utilizado.

Entre os casais entrevistados, apesar de aparentemente viverem histórias tão diversas, é possível encontrar alguns pontos comuns. Os três casais pertencem à mesma classe social, moram em regiões próximas ao centro da cidade de São Paulo, em bairros de classe média/média-alta. As três famílias eram compostas pelo casal mais dois filhos.

As três esposas se profissionalizaram em algum momento de suas vidas. O fato de as mulheres terem trabalhado, ou ainda trabalharem, como ocorre com o casal II, para esta pesquisa é algo importante, porque podemos inferir que, para essas mulheres, ter permanecido casadas não foi uma necessidade financeira, pois elas poderiam ter buscado o próprio sustento.

A única mulher entre as entrevistadas que trabalhou durante poucos anos foi Camila (casal I). Deixou o emprego, por opção, quando sua filha nasceu, tendo traba-

lhado fora de casa só por um pequeno período, quando seu marido precisou de sua ajuda na empresa. Essa opção de não trabalhar fora, no caso de Camila, tem a ver com a dinâmica estabelecida pelo casal. Nesse pequeno período em que Camila se ausentou do lar, para trabalhar fora, sua filha parou de estudar, levava amigos para casa quando a mãe não estava, quase que "mandando" sua mãe parar de trabalhar.

Quanto ao casamento sob a ótica da relação homem/mulher, o casal I acaba vivendo um modelo tradicional de casamento, no qual existe uma hierarquia entre o homem e a mulher, uma submissão por parte da mulher e uma negação de seu desejo sexual.

No casal II, ambos buscam estabelecer um modelo de casamento mais moderno, mas é possível ainda encontrar traços característicos de um tipo de relacionamento tradicional. A mulher aparece como alguém mais frágil que o homem, precisando ser cuidada. Nota-se dificuldade de viver uma sexualidade plástica dentro do casamento, como Giddens (1993) aponta. A sexualidade plástica é desvinculada da procriação, na qual a liberdade e a busca do prazer para a mulher se fazem presentes. Daniela casou-se virgem e, pelo que ela e o marido contam, foi aprendendo a viver a própria sexualidade dentro da relação conjugal. Esse processo de crescimento de Daniela foi interrompido, quando ela teve câncer de mama, voltando a ter novamente dificuldades na esfera sexual.

No casal III, o casamento estruturou-se baseado na ideologia do amor romântico. Os dois casaram-se em busca de um conto de fadas. Entretanto, desde o início, tiveram muita dificuldade de estabelecer uma conjugalidade, uma relação mais próxima. Assim que se casaram, Arnaldo queria que Francisca assumisse o papel de mulher/dona-de-casa, que cuidasse do lar, mesmo estando trabalhando fora. Começaram a brigar, uma vez que Francisca não queria desempenhar tal papel. Além disso, sentia-se desacompanhada e desamparada pelo marido, no seu dia-a-dia.

Nenhum dos três casamentos apresenta características de um relacionamento pós-moderno, no qual a parceria, a mutualidade e o equilíbrio de poder se fazem presentes. As três mulheres colocam-se na relação como sendo frágeis e são percebidas como tal pelos seus maridos.

As três mulheres se casaram sem terem tido nenhum tipo de experiência sexual anterior, nem intimidade sexual com outros parceiros. Camila deixa clara a dificuldade que sente em assumir sua sexualidade. Francisca, em contrapartida, não menciona problemas nessa área, mas torna evidente o quanto ter ou não relações sexuais não é algo

importante; estar junto, deitada com o marido, é para ela mais significativo. A sexualidade não parece assumir um lugar de destaque em sua vida, talvez até por não ter podido vivê-la plenamente.

Pode-se inferir, a partir do pensamento de Kernberg (1998), que a dificuldade de essas mulheres estabelecerem um relacionamento sexual mais pleno com seus maridos, nessa faixa etária, deve-se à falta de experiências adquiridas com o próprio marido e/ou com outros parceiros amorosos.

Fernando (casal II), diferentemente dos outros maridos, contou como ele e a esposa foram se entendendo sexualmente, no início do casamento, sobre as dificuldades de Daniela em se soltar e como ele a foi ajudando a superar essas limitações. Entretanto, a doença de Daniela interrompe esse processo, como foi anteriormente mencionado. Logo, não se pode afirmar se, com o passar dos anos, a vida sexual desse casal iria ser mais plena, como Kernberg (1998) acredita ser possível, nessa faixa etária, caso não houvesse a incidência da doença da esposa. Os casais pesquisados não vivem uma sexualidade completa, fazem uma cisão entre amor e sexo, principalmente o Casal I.

Um outro aspecto comum entre eles é que os casais têm muita dificuldade em perceber o parceiro, desvinculado-o de suas fantasias inconscientes, como um outro indivíduo com desejos próprios. Dentro de uma leitura mais kleiniana, pode-se dizer que existem mecanismos de identificação projetiva maciça, em todos os relacionamentos, e que as relações conjugais têm-se mantido devido a esses mecanismos.

A formação de sintomas está presente nas três famílias. No casal I, Camila não sai de casa sozinha e padece de insônia. A filha desse casal engordou muito, na entrada da adolescência, e sofre atualmente de depressão.

No casal II, o filho foi apresentando uma série de dificuldades escolares, Fernando teve que ser tratado por apresentar sintomas de pânico e Daniela teve câncer.

No terceiro casal, Arnaldo tem problemas de alcoolismo, Francisca encontra-se deprimida e a filha do casal teve obesidade mórbida. A quantidade de sintomas que esses casais acabaram apresentando é um elemento significativo. Pode-se pensar que tais sintomas se devem às dificuldades que eles têm em elaborar os problemas pessoais e conjugais. Gomes (1998, 2001) enfatiza, em seus trabalhos, o quanto o sintoma da criança está relacionado com a dinâmica do casal. Nesses casais, percebe-se que a dinâmica da relação conjugal interferiu de forma intensa na formação de sintomas dos filhos.

Parece evidente que existia para esses casais um grau de expectativa em relação ao casamento diferente do que

aconteceu, na realidade. Desenvolveram uma visão fantasiosa a respeito do viver a dois, principalmente quanto ao casal III. Constatou-se, no geral, que há uma dificuldade dos cônjuges de perceberem como cada parceiro é, de fato. Tal dificuldade pode estar enraizada nos desejos inconscientes de que o parceiro fosse aquilo que se deseja. Alguns dos conflitos vividos pelos casais surgiram quando o outro não correspondia ao papel que lhe havia sido designado, como ocorre nos casais II e III. No entanto, esses conflitos não eram tentativas de se estabelecer um casamento interno, como Colman (1994) sugere que pode ocorrer.

Quanto às modificações que o casamento experimentou, com o nascimento dos filhos, todos os casais salientam que a relação conjugal mudou muito, os maridos foram "esquecidos" pelas esposas. O casal que frisou mais essa questão foi o formado por Francisca e Arnaldo, casal III. Segundo eles, "caiu a ficha" que estavam casados; foi na condição de pais que perceberam a seriedade da escolha que haviam feito e passaram a sentir o peso da responsabilidade, porque não podiam sair mais à noite, como faziam antes.

Nesses anos de casados, os três casais conviveram com doenças de familiares, dificuldades financeiras e problemas com os filhos. Essas crises, que os casais vivenciaram, acabaram sendo de certa maneira parecidas e próprias dos relacionamentos familiares. As situações difíceis foram sempre cuidadas por um dos cônjuges ou pelos dois. Em algumas situações, receberam ajuda de familiares próximos ou de profissionais da área de saúde. Ao relatarem esses momentos de crise, os casais demonstraram como essas vivências também tiveram como consequência uma aproximação maior entre eles.

O casal III é o único dos casais analisados que já se separou, por um breve período de tempo. Francisca, ao se queixar do marido, durante a aplicação do TAT (prancha 16), disse que, quando esteve hospitalizada, Arnaldo não se propôs buscá-la no hospital. Pode-se pensar que com respeito ao aspecto de os cônjuges se ajudarem, esse casal difere dos demais. O relacionamento que eles acabaram estabelecendo pode ser entendido como mais frágil, no sentido de companheirismo, solidariedade e amizade. Muitas das queixas de Francisca giram em torno de não se sentir acolhida, compreendida e acompanhada. Sente-se muito sozinha, na relação conjugal.

Apesar de Arnaldo não ter conseguido falar abertamente de como se sente, no casamento, é possível pensar que os sentimentos de Francisca não diferem muito dos seus. Tal hipótese deve-se à análise do protocolo de Arnaldo e ao fato

de beber muito. Desse modo, é possível dizer que as crises vividas por esse casal acabam sendo resolvidas, como diz o ditado, “cada um por si”, sem a possibilidade de soluções que envolvam o casal ou a família.

Esse mesmo casal apresenta um elemento importante a ser pensado, o envelhecer. Francisca abordou a questão de sua aposentadoria, o quanto sua vida está sem sentido e como nada a preenche internamente. Pode-se dizer que os problemas vividos na relação matrimonial e a falta de uma conjugalidade só acentuam as dificuldades que existem no decorrer de um processo normal de envelhecimento.

A aposentadoria e a tristeza de Francisca podem ser equiparadas à falta de função ou objetivo na vida de Camila. O seu envelhecimento é simultâneo ao processo de autonomia dos filhos. Essas duas mulheres sentem-se sozinhas e tentam se apoiar na relação conjugal. No caso de Francisca, há um agravante: a relação conjugal é muito frágil para sustentá-la, tornando o processo de envelhecimento mais árduo.

Tanto as entrevistas como o uso do TAT foram de grande valia para esta pesquisa. A aplicação do TAT trouxe dados que as entrevistas não tinham conseguido abarcar, como, por exemplo, o desabafo que Francisca fez, na prancha 16, ao se ver sozinha sem seu marido. Os dados obtidos com os dois instrumentos foram complementares.

Com referência às percepções que os casais tiveram de cada prancha do TAT, é possível dizer que há pontos semelhantes. Na prancha 2, nenhum dos casais identificou um conflito edípiano. Os três casais falaram da moça jovem, com os livros na mão, insatisfeita com a própria vida. Francisca é a única que falou de uma família idealizada e sobre a moça vivendo num ambiente familiar.

Na prancha 4, todos percebem o conflito entre o homem e a mulher, por ela proposto. É interessante que, nessa prancha, é possível verificar como cada casal vivencia os conflitos dentro da relação e os papéis que cada um desempenha, nessas mesmas situações.

A figura feminina acabou sendo analisada, na prancha 5, por todos os casais. Pode-se constatar que, devido à faixa etária em que a personagem está, todos se identificaram e contaram histórias muito próximas de suas vivências pessoais, isto é, os homens viram e falaram, por meio da personagem, de suas esposas e as mulheres falaram de suas próprias vivências.

Na prancha 10, os casais identificam um casal mais velho do que eles, numa situação idealizada. Aparece, nos três casais, uma dificuldade para falar e relacionar a cena a um possível momento de intimidade do casal, enfocando a sexualidade. Daniela fala superficialmente sobre a possi-

bilidade de existir depois da cena um relacionamento sexual. Os outros falam de afeto, companheirismo, mas a sexualidade não é pensada como um elemento presente, nessa faixa etária, como Kernberg (1998) menciona.

Vale ressaltar que todos os aspectos do TAT, acima mencionados, necessitam de mais estudos normativos com essa população escolhida.

Conclusão

Quanto à especificidade de cada casal, pode-se pensar que cada um deles apresenta algumas características mais marcantes. No casal I, tem-se a hierarquia que existe na relação conjugal. Camila ocupa um lugar de muita fragilidade, de submissão frente ao desejo de João. Ambos vivem um relacionamento baseado no molde tradicional de casamento. No casal II, a característica singular é a fragilidade feminina, ligada ao adoecer da mulher. Esse casal tenta estabelecer um modelo mais moderno de casamento. Já o terceiro casal é o que vive a relação mais patológica, no sentido de usarem do mecanismo de negação para não entrarem em contato com a realidade que vivem.

Os casais utilizam mecanismos de defesa, como a identificação projetiva, o controle sobre o objeto, a idealização e a negação, como formas de manter o casamento.

Permanecer casado, para esses casais, deve-se, principalmente, a uma necessidade intrapsíquica: os cônjuges sentem-se mais integrados, já que o parceiro representa um lado cindido da personalidade deles, com o qual não podem entrar em contato.

Nenhum casal mencionou que permanecem casados por dificuldades financeiras de se separar. Todos disseram que querem continuar casados, inclusive o casal III, o qual mais evidenciou queixas sobre o relacionamento conjugal. Foi percebido que o tipo de casamento que eles mantêm está diretamente relacionado com o desenvolvimento emocional de cada cônjuge.

Como já foi destacado anteriormente, nenhum dos três casais vive um modelo de casamento pós-moderno. O fato de eles estarem há tanto tempo casados não é por si só um sinal de enriquecimento e crescimento pessoal e do casal. A conjugalidade não é o foco central, em nenhum dos relacionamentos. No casal III, é possível inferir-se que a conjugalidade nunca esteve presente. Assim sendo, pode-se pensar que nenhum dos casais pesquisados conseguiu desenvolver um relacionamento com características de um casamento interno, como Colman (1994) sugere que pode ocorrer.

Os três casamentos foram se transformando com os anos, tornando-se mais um relacionamento baseado no

companheirismo e amizade entre os cônjuges, com exceção do casal III, que não consegue viver isso, no matrimônio. Nessa perspectiva, pode-se dizer que o casamento, nesses casos, se mantém devido às fantasias inconscientes de seus membros, além do medo de enfrentarem uma situação nova, desconhecida, de viver só.

O fato de a pesquisadora ser mulher facilitou o processo de coleta de dados. As esposas ficaram mais à vontade para expressarem o que sentiam, principalmente Francisca (casal III), que falou abertamente sobre suas dificuldades matrimoniais, sem a presença do marido, na aplicação do TAT.

Esses casais aceitaram participar desta pesquisa, achando que estavam mostrando algo de muito precioso: o fato de terem conseguido permanecer casados por tantos anos, diferentemente do que ocorre, na atualidade, em que existem muitos divórcios e recasamentos. Estamos constatando a fragilidade das relações amorosas, como tão bem ressalta Bauman (2004) e toda a literatura sobre o declínio da família tradicional, tal qual aponta Roudinesco (2003), e as novas configurações familiares, segundo Passos (2003).

Concluindo, apesar das dificuldades conjugais enfrentadas pelos casais da pesquisa, no dia-a-dia, o estar casado para eles tem uma importância muito grande. Se, por um lado, não é a comprovação da felicidade almejada pela fantasia inconsciente de busca pelo par ideal, ao menos tentam se agarrar ao conhecido como uma forma segura e de defesa frente às agruras de uma nova opção de vida.

Desse modo, este estudo traz uma contribuição relevante, no sentido de pensar as relações conjugais de quem permanece casado. É preciso que se abra um espaço de reflexão acerca dos bastidores da vida conjugal, na terceira idade. Esses casais têm uma série de sintomas e não há um entendimento mais profundo do tipo de relação que existe entre eles e as conseqüentes dificuldades conjugais. A sociedade coloca mais em relevo as separações conjugais do que a manutenção do casamento. Espera-se que, de alguma forma, este trabalho possa instigar novas pesquisas sobre o tema e propostas interventivas e preventivas, que possuam uma abrangência maior do que a dos consultórios psicológicos.

Referências

- Balint, E. (1972). Comunicações inconscientes entre marido e mulher. In: W. G. Joffe, (Org.), *O que é a Psicanálise?* (p. 81-101). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Bleger, J. (1980). *Temas de psicologia: entrevista e grupo*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Cardoso de Mello, A. C. M. P. (1990). *A escolha do parceiro na dinâmica da relação conjugal de casais favelados*. Dissertação (Mestrado), PUCCAMP, Campinas, SP.
- Catão, M.F.F.M. (2001). *Excluídos sociais em espaços de reclusão: as representações sociais na construção do Projeto de Vida*. Tese (Doutorado), IPUSP, São Paulo.
- Colman, W. (1994). The individual and the couple. In: S. Ruzsyczynski (Ed.), *Psychotherapy with couples: theory and practice at the Tavistock Institute of Marital Studies* (2nd ed.). (p. 70-96). London: Karnac.
- Dana, R. H. (1982). *A human science model for personality assessment with projective techniques*. Springfield, Ill: Thomas.
- Dana, R. H. (1985). Thematic Apperception Test (TAT). In: C. S. Newmark (Ed.), *Major psychological assessment instruments*. (p. 89-134). Boston: Allyn and Bacon.
- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber* (13.ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal. (1ª ed. brasileira de 1988).
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp.
- Gomes, I. C. (1998). *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo, SP: Escuta.
- Gomes, I. C. (2001). O sintoma da criança e a dinâmica do casal na prática do psicodiagnóstico infantil. In: Carneiro, T.F. (Org.). *Casamento e Família: do social à clínica*. Rio de Janeiro, RJ: NAU, p. 23-37.
- Gomes, I. C.; Paiva, M. L. de S. C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. esp., 3-9.
- Herzberg, E. (1986). *Aspectos psicológicos da gravidez e suas relações com a assistência hospitalar*. Dissertação (Mestrado), Inst. de Psicologia, USP. São Paulo.
- Kernberg, O. F. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Kernberg, O. F. (1998). Relações amorosas mais tarde na vida. Apresentado na *San Diego Psychoanalytic Society and Institute*, San Diego, Califórnia, em 31 de janeiro de 1998.
- Macfarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra: 1300-1840*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Passos, M. C. (2003). A família não é mais aquela: alguns indicadores para pensar suas transformações. In: Carneiro, T.F. (Org.). *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. PUC-Rio; São Paulo, SP: Loyola, p. 13-25.
- Roudinesco, E. (2003). *A Família em Desordem*. (trad. de A. Telles). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Silva, M. C. (1989). *TAT: aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática*. São Paulo, SP: EPU.
- Simon, R. (1989). Psicoterapia preventiva da família. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 9, 16-8.
- Térzis, A. I. (1987). Estudo da estrutura familiar: um modelo de entrevista clínico-familiar. *Estudos de Psicologia*, 4, n. 1, 94-108.
- Trinca, W. (1984). Processo diagnóstico de tipo compreensivo. In: W. Trinca (Coord.), *Diagnóstico psicológico: a prática clínica*. (p. 14-24). São Paulo: EPU.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido e aprovado pela Comissão Editorial em 23/10/2006 e aprovado para publicação em 1/12/2006.